



**Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo**

Presidenciáveis no Jornal Nacional

A relação entre os campos político e jornalístico na entrevista política televisiva

Orientadora: Rafiza Varão

Adriano Lima Feitosa
Brasília
2017

Resumo

No contexto dos estudos sobre mídia e política, este trabalho propõe analisar as entrevistas do *Jornal Nacional*, da TV Globo, feitas com os três presidentes mais bem votados nas eleições gerais de 2014. Com o cerne da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu, jornalistas e políticos são mostrados como integrantes/representantes dos campos político e jornalístico. O objetivo desta análise é verificar como se dá a interação entre ambos os campos com foco nos mecanismos discursivos construídos pelos agentes dos campos contextualizados em uma entrevista televisiva. Entre as conclusões, a análise demonstra que, naquelas circunstâncias, o campo jornalístico deixou de exercer o seu papel moderador e atuou ativamente na construção e no reforço de valores negativos em relação à política. Por sua vez, observou-se também a movimentação dos agentes do campo político que tiveram o trabalho de, através do discurso, reconstruir a imagem negativa previamente estabelecida e ao mesmo tempo defender seus projetos e atacar os políticos adversários.

Palavras-chave: imprensa, eleições, entrevista, teoria dos campos, política, jornalismo, conflito, relação

Abstract

In the context of the studies on media and politics, this paper proposes to analyze the interviews of *Jornal Nacional*, of TV Globo, made with the three best-end presidential candidates in the general elections of 2014. With a focus on Pierre Bourdieu's Theory of Fields, journalists and politicians are shown as members / representatives of the political and journalistic fields. The objective of this analysis is to verify how the interaction between the two fields focuses on the discursive mechanisms constructed by field agents contextualized in a television interview. Among the conclusions, the analysis shows that, in those circumstances, the journalistic field ceased to exercise its moderating role and acted actively in the construction and reinforcement of negative values in relation to politics. On the other hand, the movement of the agents of the political field who had the work of, through the discourse, to reconstruct the negative image previously established and at the same time to defend their projects and to attack the opponents politicians.

Keywords: press, elections, interview, fields, credibility, confrontation, politics, journalism, conflict, relation

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 A Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu, o campo político e o campo jornalístico	7
2.2 O campo político	11
2.3 O campo jornalístico	13
2.4 Tensões entre os campos	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
3. ANÁLISE	21
3.1 Cenário Político	21
3.2 Abertura	22
3.3 Corrupção	25
3.4 Economia, Saúde e Educação	35
3.5 Projetos	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

Política e Jornalismo são campos distintos que há muito tempo, ou desde que criados, relacionam-se. Em tese, a relação é simples. O jornalista precisa do campo político para obter suas informações, entrevistas e reportagens, assim como o campo político precisa do jornalista para dar publicidade aos seus atos, prestar esclarecimentos e ter um contato mais direto com o campo social e seus eleitores.

Neste sentido, a opinião pública trata-se do capital simbólico mais importante para ambos os campos. É a opinião pública que confere legitimidade ao fazer jornalístico e que possui o peso capaz de definir os rumos de uma eleição. Em uma entrevista política transmitida ao vivo pela TV, todos os campos citados acima estão presentes. Jornalistas, políticos e população, na figura do telespectador. É um momento importante, pois diferente do horário de propaganda eleitoral, esta não se limita a materiais previamente estruturados ou edições.

As eleições presidenciais de 2014 foram antecedidas de grandes manifestações e marcadas por uma contrastada polarização política. Manifestações populares nunca vistas desde as Diretas Já, conflitos na Copa das Confederações, Copa do Mundo e um trágico acidente que causou a morte de um dos candidatos à presidência. Naquele contexto, o *Jornal Nacional*, da TV Globo, produziu uma série de entrevistas com os principais candidatos à Presidência da República. Em consonância com o cenário político da época, as entrevistas também foram marcadas pelo embate e confronto entre os campos.

Nessa medida, o objetivo deste trabalho é compreender como os campos político e jornalístico se relacionaram nas entrevistas do *Jornal Nacional*. A análise dialogará, principalmente, com a teoria geral dos campos do sociólogo francês Pierre Bourdieu e seus conceitos acerca de habitus e ethos. A intenção é entender as peculiaridades de cada campo e a construção desta relação no contexto de uma entrevista televisiva.

O estudo se justifica pois, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), a televisão ainda é o meio de comunicação mais utilizado no país, priorizado por 63% dos brasileiros onde o *Jornal Nacional* é o telejornal de maior audiência. Ou seja, é incontestável a abrangência deste veículo e a sua relação com a sociedade brasileira.

Metodologicamente, O trabalho analisar entrevistas feitas com os três presidentes mais bem votados no primeiro turno das eleições de 2014: Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) e Marina Silva (PSB). O método de análise utilizado foi a análise de conteúdo temático-categorial. Para a análise, foram criadas categorias entre os temas mais recorrentes dentro das perguntas e a partir deste ponto, o foco do estudo se dá nas estratégias utilizadas por ambos os campos para a constituição de sua identidade perante a opinião pública.

Para entender como estes dois campos se relacionam, é fundamental uma revisão teórica sobre o conceito de campo, de Pierre Bourdieu. Isso é feito no primeiro capítulo onde, além de refletir sobre cada um dos campos separadamente, tais conceitos serão aplicados para o entendimento da tensão entre os mesmos, suas causas e possíveis consequências. Já o segundo capítulo, é dedicado ao detalhamento dos procedimentos metodológicos utilizados para a análise juntamente com as categorias definidas: Corrupção, Economia/Saúde/Educação e Projetos. A análise será feita no terceiro capítulo após uma breve ambientação do cenário político vigente à época das eleições.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu, o campo político e o campo jornalístico

Para compreender o conceito de campo formulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu e aplicá-lo a este trabalho, é preciso entender seu posicionamento frente aos estudos sobre os fatos sociais. Assim como Durkheim, Bourdieu defende a indispensabilidade de uma simples condição para que eles possam, de fato, serem analisados e transformados em objetos de estudo: que sejam construídos. Ou seja, como assinala Hermano (2006, p.37), um aglomerado de referências resultantes de questionamentos propostos, resolvidos e catalogados. Material que será futuramente utilizado para segmentar em categorias pré-constituídas um determinado mundo social.

Com Durkheim, as formas de classificação deixaram de ser formas universais (transcendais) para se tornarem (como implicitamente em Panofsky) em formas sociais, quer dizer, arbitrárias (relativas a um grupo particular) e socialmente determinadas. Nesta tradição idealista, a objetividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes (BOURDIEU, 1989, p. 134).

Entretanto, Bourdieu não adota uma postura intransigente no que tange à formação de fatos sociais. Ciente dos riscos que cercam o uso de modelos rígidos, o autor prefere caracterizar seu “aglomerado de referências” ou “tipo-ideal” como um roteiro que oriente a formulação das hipóteses (BOURDIEU, 1989, p.126). Neste sentido, segundo Bourdieu, os modelos não devem ser utilizados como “uma amostra reveladora que seria suficiente copiar para conhecer a verdade da “coleção inteira”. Este tipo de pensamento preconiza um importante termo aprimorado pelo autor que segue associado à noção de campo: o conceito de *habitus*. Por serem conceitos que se entrelaçam, o entendimento de cada um separadamente é tão importante quanto a dinâmica entre os mesmos.

Como dito, o conceito de *habitus* não é discutido há pouco tempo. Desde a *hexis* de Aristóteles, já se pensava sobre estados (disposições) que fazem os seres se qualificarem desta ou daquela maneira. Sendo assim, o filósofo chega a elencar um determinado tipo de disposição que seria a melhor possível e a chama de

virtude. A definição de Bourdieu trata o *habitus* como um conjunto destas condicionantes citadas por Aristóteles que atuam sobre um agente fazendo-o agir de certa maneira em uma situação específica. Isso inclui todos os modos de perceber, sentir e pensar que podem influenciar a ação em circunstâncias definidas.

O *habitus* engloba o agir em todas as suas esferas. Segundo Bourdieu (2001), o corpo está no mundo social assim como o mundo social está no corpo. Sendo assim, determinada atitude de um agente, considerada natural, trata-se, na verdade, de uma estrutura social interiorizada de tal maneira, que faz acontecer de forma irracional ou despercebida. Isso leva a crer que Bourdieu defenda os agentes como seres inteiramente determinados. Entretanto, é importante ressaltar que esta não é a intenção do autor e as disposições não são completamente taxativas. Apesar de parecer paradoxal, Bourdieu quer mostrar que os agentes não são inteiramente determinados muito menos totalmente livres.

De forma análoga, o *habitus* seria como um código genético. Ele determina diversas características que um ser irá possuir. Entretanto, algumas dessas características podem ser alteradas de acordo com as decisões, experiências e necessidades ao longo da vida. E, assim como as disposições de agir, existem genes que mesmo estando presentes no DNA não se manifestam ou aparecem com menor ou maior força em cada indivíduo. Por fim, ainda existe a possibilidade de que tais mutações genéticas, com o passar do tempo, comecem a fazer parte do código genético “natural” de futuras gerações. Ou seja, o *habitus* constitui ao mesmo tempo que é constituído.

Outra característica do *habitus* de Bourdieu destacado por Hermano (2006, p. 33) é que a dinâmica de representações e práticas são sempre associadas a uma comunidade específica de condições de existência. Isso pressupõe uma série de diferentes realidades onde agentes sociais podem agir de maneiras completamente distintas mesmo expostos às mesmas circunstâncias. Isso acontece por pertencerem a campos distintos. Desta forma o *habitus* se configura como o *modus operandi* de um determinado campo inscrito em cada indivíduo pertencente ao mesmo. Em síntese, é o “conhecimento e o reconhecimento das regras do jogo”. E assim como em cada jogo, cada campo possui suas regras.

É na relação entre *habitus* e o campo, entre o jogo e o sentido do jogo, que se engendram os móveis do jogo e que se constituem os objetivos jamais afirmados como tais, potencialidades objetivas as quais, embora não existam fora dessa relação, acabam por se impor, no interior dela, com um uma necessidade e uma evidência absolutas. (BOURDIEU, 2001, p.184)

E é neste cenário que o conceito de campo pode ser entendido. O próprio espaço social é constituído por campos. Estes são lugares de jogo formados por entidades específicas e regras próprias. Dentro deles coabitam seres munidos de um conjunto de disposições/requisitos para jogar. São, segundo Bourdieu (1996, p.50), microcosmos de relações objetivas dotadas de lógica individual. Por isso, tratar de campo é, necessariamente, falar de *habitus*. Pois são os determinados tipos de *habitus* que definem a lógica de identificação social em um campo. Em suma, um campo é formado por agentes dotados do mesmo *habitus*.

A noção bourdieusiana (1989, p. 67) de campo foi inspirada em Max Weber, que “aplicava à religião um certo número de conceitos retirados da economia”. Entretanto, Bourdieu encontra neste tipo de análise propriedades gerais que podem ser validadas nos diferentes campos, além do religioso. Onde Weber elenca sacerdotes, profetas e feiticeiros, Bourdieu enxerga um campo onde diferentes agentes estão em concorrência. Neste sentido, o autor enfatiza os campos como sendo um “campo de forças” e “campo de lutas”. Uma atmosfera que caracteriza seus agentes em posições de poder e ao mesmo tempo é palco de enfrentamentos entre esses mesmo agentes.

Os conflitos entre agentes dentro de um campo são os responsáveis pela sua conservação ou transformação. Por isso, é fundamental destacar que dentro dos diferentes campos existem posições ou postos específicos onde cada membro, consciente de seu “poder” dentro do campo, disputa por troféus particulares a cada segmento. Bourdieu (2002, p. 25) traz um bom exemplo desta luta simbólica ao refletir sobre o campo religioso. Neste sistema, coabitam e se enfrentam leigos, sacerdotes e profetas. Os primeiros, representam os grupos sociais que buscam formas de encontrar a salvação. E o papel dos segundos é justamente suprir esta demanda por respostas e bens “além desta vida”. São agentes altamente especializados que vez ou outra se deparam com os terceiros. Os profetas

personificam o agente que traz inovação e revolução. O discurso destes carrega em si uma nova prática, interesses e reivindicações de determinados grupos sociais.

Os interesses que são colocados em voga neste conflito são chamados por Bourdieu de capital (BOURDIEU, 1966). Este termo está por trás de todas as relações de poder dentro de um campo. Pois é a partir da distribuição do capital que se torna possível entender a estrutura e as dinâmicas internas de um determinado campo. Segundo Hermano (2006, p. 36), é necessário um montante de capital para que os agentes ingressem nos campos. Além disso, “fazem uso de estratégias que lhes permitem conservar ou conquistar posições, em uma luta que é tanto explícita, material e política, como travada no plano simbólico”.

Assim, ao entender o capital como poder, Bourdieu em seu texto “*Questões de Sociologia*” defende que este poder, ou capital, se manifesta em diferentes formas. São elas: o capital cultural, o capital social e o capital simbólico. O capital cultural agrega todas as formas de qualificações culturais produzidas e transmitidas pelas escolas e pela família. Isso compreende desde a forma de se expressar em público, a posse de obras de arte e certificações acadêmicas. Já o social se caracteriza pelas redes de contato e relacionamentos. Por fim, o capital simbólico trata-se justamente do reconhecimento social. Isso, para Bourdieu (1984, p. 115), compreende o prestígio e a honra e sintetiza as formas anteriores.

As lutas de classe internas de cada campo e os capitais envolvidos são bastante específicos. A posição de maior poder em um campo não significa, necessariamente, a manutenção deste posto em outro campo. Por exemplo, o quanto um agente sabe sobre cosmologia dificilmente fará diferença no campo das artes marciais mistas. Mesmo assim, faz sentido utilizar o termo “teoria geral dos campos”. Pois estes, de certa forma, possuem mecanismos de interpenetração e de relacionamento.

Por exemplo, o campo escolar e o campo social são distintos, mas não independentes. Do campo escolar, que é orientado para a sua própria reprodução, emanam os trabalhadores, os intelectuais, os agentes do campo social, com as suas orientações particulares. A homologia estrutural entre os campos faz com que seja possível, por exemplo, que a produção cultural influencie a hierarquia simbólica e que esta contribua para a conservação ou para a subversão da ordem política. (HERMANO, 2006, p. 40)

É dessa maneira que a autonomia dos campos deve ser entendida. Como relativa. Ou seja, apesar de ser capaz de criar seu próprio código de regras, existe a influência de outros campos e, em alguns casos, uma relação condicional entre eles. Mas como dito anteriormente, não se trata de um atributo taxativo e estas relações podem ser alteradas com o passar do tempo, por mudanças de cenários ou pela própria dinâmica dos agentes. Tomando tais premissas por base, é possível introduzir o tema que será o cerne deste trabalho: a relação entre o campo político e jornalístico. Campos que muito interagem e que, por vezes, podem ter suas relações confundidas ao tentar observar sob uma ótica maniqueísta.

2.2 O campo político

Em parte de seus estudos sobre campos, Bourdieu (2011, p. 02) trata exclusivamente do campo político e defende a existência de uma série de vantagens em possuir a noção de tal campo. Segundo ele, nas ciências sociais, a comparação “é um dos instrumentos mais eficazes”. E somente após entender de maneira rigorosa como funciona a política e o jogo político a comparação entre esta realidade a outras se torna factível. Desta maneira, ao entender que todo campo é um espaço de luta, é possível ajustar a ótica da análise e perceber quem são os agentes participantes destes conflitos e os tipos de capitais almejados ou que, de alguma forma, se tornam critério de ingresso em determinado campo. No campo político não é diferente.

A principal luta deste campo se configura como um conflito cognitivo pelo “poder de impor a visão legítima do mundo social”. Como afirma Pierre Bourdieu (1989, p. 114), em política “dizer é fazer”, ou melhor, é “fazer crer que se pode fazer o que se diz”. Desta forma, o capital simbólico mais cobiçado é justamente a notoriedade e a respeitabilidade. Estes fatores, que se configuram como uma espécie de créditos sob forma de reconhecimento são os responsáveis por conferir a autoridade necessária para que a visão de mundo preterida seja imposta

Para Bourdieu (2011, p. 197), o campo político trata-se de um ambiente em que “certo número de pessoas, que preenchem as condições de acesso, joga um jogo particular do qual os outros estão excluídos”. É importante destacar o aspecto

segregacionista pois o autor faz questão de ressaltar que existe, neste campo, uma separação entre profissionais e profanos. E quanto mais ele se afunila, no sentido das posições de poder, mais evidente fica esta distinção, ficando aos profanos, a única tarefa de escolher a quem concederão o poder em um rol previamente selecionado de escolhas.

Neste sentido, fica nítida a comparação com o campo religioso feita por Bourdieu. Segundo ele, o campo que mais se assemelha ao político é justamente o religioso. A relação proposta por Max Weber entre o sacerdote, os leigos e o profeta caracteriza, de certa forma, o que ocorre entre os políticos dominantes, eleitores e revolucionários:

O padre excomunga o profeta, o profeta desrotiniza a mensagem do clero... Passam-se inúmeras coisas entre eles, mas sob a arbitragem dos leigos, que podem ou não seguir um profeta, desertar as igrejas ou continuar a frequentá-las. Nesse sentido, o campo religioso se assemelha bastante ao campo político, o qual, apesar de sua tendência ao fechamento, permanece submetido ao veredito dos leigos. (BOURDIEU, 2011, p. 201)

E neste ponto encontra-se o limite das dinâmicas internas do campo político. Apesar do interesse dos envolvidos no jogo, não existe a possibilidade de jogar sem fazer algum tipo de prestação de contas ou se remeter em algum momento aos que lhe confiaram o mandato. Com isso, Bourdieu traz à tona dois aspectos importantes a respeito do campo político. O primeiro é sobre a representatividade. Apesar de necessitarem do aval de “profanos” para conseguirem os mandatos eletivos, os profissionais da política tendem a orientar seu capital simbólico adquirido e outros agires objetivando unicamente a progressão e manutenção de suas posições de poder no campo. Isso inclui jogar o jogo dos políticos dando pouca ênfase ou gastando o mínimo de energia com o que está do lado de fora deste microcosmo.

O segundo ponto é justamente sobre a percepção que a sociedade em geral, ou seja, os que estão afastados das cúpulas de poder tem sobre tal atitude dos ditos profissionais. Bourdieu (2011, p.198) fala sobre uma desconfiança intuitiva à delegação política. Essa desconfiança se baseia na possibilidade das pessoas que jogam o jogo do campo político terem entre elas uma espécie de pacto e cumplicidade por pertencerem ao mesmo campo e manterem os mesmos interesses de perpetuação. Isso pode acarretar decisões interessadas e completamente

parciais. De fato, a imagem de porta-voz da sociedade que lhes foi dada a partir da delegação para representá-los está sempre em xeque devido ao caráter de puro valor fiduciário que o capital político possui.

Dada a tênue linha entre a concessão de crédito de confiança, capital simbólico fundamental para o campo político, e a dúvida quanto à idoneidade dos agentes políticos, uma importante alteração aconteceu neste meio. Bourdieu (2011, p. 201) mostra que os jornalistas, principalmente os de televisão, deixaram de ser considerados como meros observadores do campo político e passaram a ser agentes. Para Pierre Bourdieu, hoje, é impossível descrever o campo político sem incluir os repórteres. O porquê desta necessária inclusão se faz presente quando a produção de efeitos dentro do jogo político é nítida. Como defende o próprio autor, é a partir da capacidade de transformação de um campo que se percebe a existência de um agente.

No jogo político, os capitais de notoriedade e reconhecimento são bens valiosos tanto para quem pretende ingressar no meio quanto aos que já fazem parte e almejam a manutenção de suas posições de poder. E aí está o poder da televisão. Ela é capaz de tornar conhecidos os rostos daqueles que, antes, só eram conhecidos pelas reuniões partidárias. E assim o campo jornalístico e o campo político demonstram as características de interpenetração anteriormente citadas. São campos distintos e autônomos, mas que, de certa maneira, se influenciam e chegam a disputar capitais específicos. Assunto que será mais profundamente abordado em seguida.

2.3 O campo jornalístico

O campo jornalístico é também um microcosmo social estruturado em torno de valores que configuram a cultura profissional dos agentes do campo. Como todos os outros campos, é baseado no conflito entre seus participantes, por valores (habitus) e capitais específicos. É um ambiente composto por agentes tecnicamente especializados que funcionam como canal ou via de comunicação entre os diversos campos. Por exemplo, informações sobre o campo econômico e suas repercussões são transmitidas aos leigos no assunto através dos mecanismos e atores do campo jornalístico.

Trata-se de um campo que já passou por diversas mudanças e, como todos os outros, ainda está em constante transformação. Uma das mais importantes e que configura o campo jornalístico da maneira como é entendido hoje, aconteceu, segundo Traquina (2005), no século XIX. Foi quando a imprensa deixou de ser uma mera difusora de opiniões e começou a fornecer fatos.

Neste cenário, o principal objetivo do jornalismo passa a ser o de informar o cidadão daquilo que acontece ao redor. Surgem técnicas e regras para a construção das notícias, de modo que elas retratem os acontecimentos da maneira mais sucinta e fidedigna possível. A partir deste ponto, o campo jornalístico consolida valores que serão vistos como *habitus* do campo. Objetividade, imparcialidade e a premissa de que se trata de um serviço ao interesse público são alguns exemplos que funcionam como mecanismos de legitimação do fazer jornalístico dentro da esfera global.

Entretanto, com fortalecimento da democracia, o campo jornalístico deixa de ser o responsável por apenas informar a sociedade e passa a atuar como um guardião e fiscal do governo. Neste sentido, Traquina (2005) caracteriza o jornalista como uma espécie de cão de guarda, que garante um bom funcionamento social através de um sistema de contrapoderes. Partindo-se da premissa de que só poder pode controlar poder, surge o conceito do jornalismo como quarto poder. Uma visão que faz referência aos poderes executivo, legislativo e judicial e que defende a simbiose entre jornalismo e democracia

Mas a teoria democrática define claramente um papel adversarial entre poder político e jornalismo, historicamente desde o século XIX chamando o 'Quarto Poder', talvez porque séculos de domínio autocrático e por vezes despótico criaram um legado de desconfiança, suspeita e medo em relação ao poder político (TRAQUINA, 2005, p.23).

Fica clara a relação entre o campo político, jornalístico e a opinião pública. A lógica é: a opinião pública precisa ser abastecida de informações para julgar as atitudes de quem está no poder. Esta busca suprir a demanda de fatos no campo jornalístico, acreditando ser, como afirma Traquina (2005, p. 48), uma associação direta com a verdade. É uma visão que faz referência a uma das primeiras teorias a respeito do jornalismo: a teoria do espelho. Ou seja, as notícias não são mais do que nítidos reflexos da realidade e o jornalista é um agente completamente desinteressado, livre e empenhado no trabalho de obter e disseminar a verdade.

Neste contexto, a credibilidade perante a opinião pública aparece como outro valor do campo jornalístico e importante capital simbólico. Vale relembrar que, para Bourdieu, o capital simbólico é o mais importante entre os tipos de capitais pois dá sentido e transita e entre as outras duas formas. Berger (2003, p. 21) ao discorrer sobre o assunto é enfático ao conceder ao jornalismo o privilégio perante ao capital simbólico do “fazer crer”. Por isso, Ferreira (2002, p. 248) destaca que por se fazer presente em outros ambientes, o valor da credibilidade como capital simbólico a transforma em moeda de troca do campo jornalístico para com outros campos.

Entretanto, tal credibilidade concedida ao campo jornalístico tem seus alicerces em diversos valores do campo, que por vezes, podem ser relativizados. O próprio Bourdieu (1997, p. 115) discorre sobre a independência relativa dos campos, e tal conceito faz muito sentido ao refletir sobre as regras que regem o campo jornalístico. Variáveis externas e internas podem alterar o funcionamento do campo, visto que o jornalismo está inserido em diversas outras vertentes, como o capitalismo, lógicas de consumo e permuta de capitais entre campos. Traquina (2005, p. 25) explica que seria romântico demais acreditar na liberdade plena dos jornalistas. Ou seja, devido a questões que vão desde interesses comerciais e políticos à falta de tempo para checar e apurar os fatos, a verossimilhança exaltada pela teoria do espelho é colocada em cheque.

Percebe-se que, historicamente, se construiu diversos valores que culminam na máxima de “cão de guarda da sociedade”, que segundo Brun (2011), surge a partir da noção de fidelidade e de proteção dos cães como um posicionamento perante os desvios de valor do campo político. Mas segundo a autora, é importante pensar que “o cão só pode ser considerado o melhor amigo do homem se estiver sempre ao lado do dono”.

Por isso, assim como ao refletir as intenções de fechamento do campo político e a as possibilidades de corrupção de seus agentes, no sentido de enviar seus discursos e atitudes visando apenas os interesses do próprio campo, a mesma reflexão deve ser feita ao levar em consideração o campo jornalístico. Um campo dotado de tamanho poder simbólico deve ser analisado criticamente neste sentido.

2.4 Tensões entre os campos

Em sua teoria geral dos campos, Pierre Bourdieu deixa claro que o valor de um capital dentro de um campo não é facilmente conversível em outro. Entretanto, após discorrer sobre os campos político e jornalístico, seus troféus e espaços de luta, fica nítida a relação entre tais campos, e a exceção configurada, quando ambos almejam a credibilidade perante a opinião pública. O campo jornalístico necessita de tal valor para justificar suas ações no espaço social assim como os atores do campo político também buscam o respaldo público para legitimarem seus atos e garantirem a manutenção do poder. Bourdieu defende que todo exercício de força vem acompanhado de um discurso visando legitimar a força daquele que exerce. Neste sentido, a opinião pública seria, hoje, a maior prerrogativa do homem político para endossar este ou aquele comportamento.

De forma sintética, a lógica seria a seguinte: o campo jornalístico possui a responsabilidade em ser o mediador entre o campo social, político e o judicial. Porém é importante destacar o caráter de conflito inerente a todos os campos e a busca constante dos agentes para manterem suas posições dominantes. Desta maneira, o campo jornalístico pode se desvirtuar de seu papel mediador, transformando o processo de mediação de conflitos em criação dos mesmos. Ou seja, o jornalista se transforma em agente ativo dentro das relações entre o campo político e social.

Este embate acontece justamente porque o campo jornalístico utiliza-o como instrumento para enriquecer o próprio capital perante a opinião pública. Guazina (2011, p. 19) defende a ideia de “cobertura adversária” em relação à política. Segundo ela, trata-se de uma das estratégias mais efetivas de busca de legitimidade pelo jornalismo.

Assim, aos valores de “poder contra poder” ou de “*watchdog*” deixam de ser fatores unicamente constitutivos da cultura profissional, para transformar-se em estratégias de afirmação da legitimidade do campo.

E, devido ao seu capital específico ser um puro valor fiduciário que depende da representação, da opinião, da crença, da fides, o homem político, como homem de honra, é especialmente vulnerável às suspeitas, às calúnias, ao escândalo, em resumo, a tudo que ameaça

a confiança fazendo aparecer à luz do dia os atos e ditos secretos.
(BOURDIEU, 2001, p. 188)

A observação que Bordieu faz a respeito da fragilidade inerente ao agente político se torna ainda mais latente no Brasil onde o conhecimento público a respeito dos atos políticos se dá, em grande parte, através da triagem jornalística. Moisés (1992, p. 52) destaca que os valores mais latentes da cultura política no país são a desconfiança na classe política, clientelismo e o autoritarismo. E desta forma, a cobertura da corrupção se torna mais intensificada e trabalha juntamente com o senso comum afim de caracterizar o campo político como um ambiente inóspito para o “cidadão de bem”. Entretanto, cada vez mais, a visibilidade nos meios de comunicação se torna a condição essencial para a geração de capital político, o que significa a perda de autonomia deste campo.

E assim está formada a zona de conflito, na qual o campo político possui certa desvantagem em termos de capital simbólico e precisa articular estratégias para se restabelecer frente a esse jogo dialógico de interlocuções desiguais.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em 2002, o *Jornal Nacional* inaugurou uma série de entrevistas ao vivo com os principais candidatos à presidência. Foram estipulados 15 minutos para perguntas e respostas e um minuto e meio para, ao final, o candidato tratar diretamente sobre suas propostas de governo. Combinado com as entrevistas, o Jornal também produziu, durante todo o período eleitoral, matérias sobre temas recorrentes na sociedade brasileira. Desde então, este modelo definiu o padrão que seria utilizado para as entrevistas das eleições seguintes.

Segundo Dittrich (2012, p. 278), a entrevista é a busca por sedimentar informações e detalhar determinadas questões. Mas, para além deste conceito, ela também configura um espaço de conflito entre o campo jornalístico e outros campos intervenientes. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é compreender como se estruturou a relação entre os campos político e jornalístico nas entrevistas políticas do *Jornal Nacional*.

O método utilizado será a análise de conteúdo temático-categorial. Entendeu-se ser a forma que mais se adequa ao caso devido às nuances, mensagens e outros dados simbólicos que serão analisados sob a ótica da relação entre os campos político e jornalístico. Como análise de conteúdo, Bardin (2009, p. 42) define como um conjunto de técnicas para analisar as comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

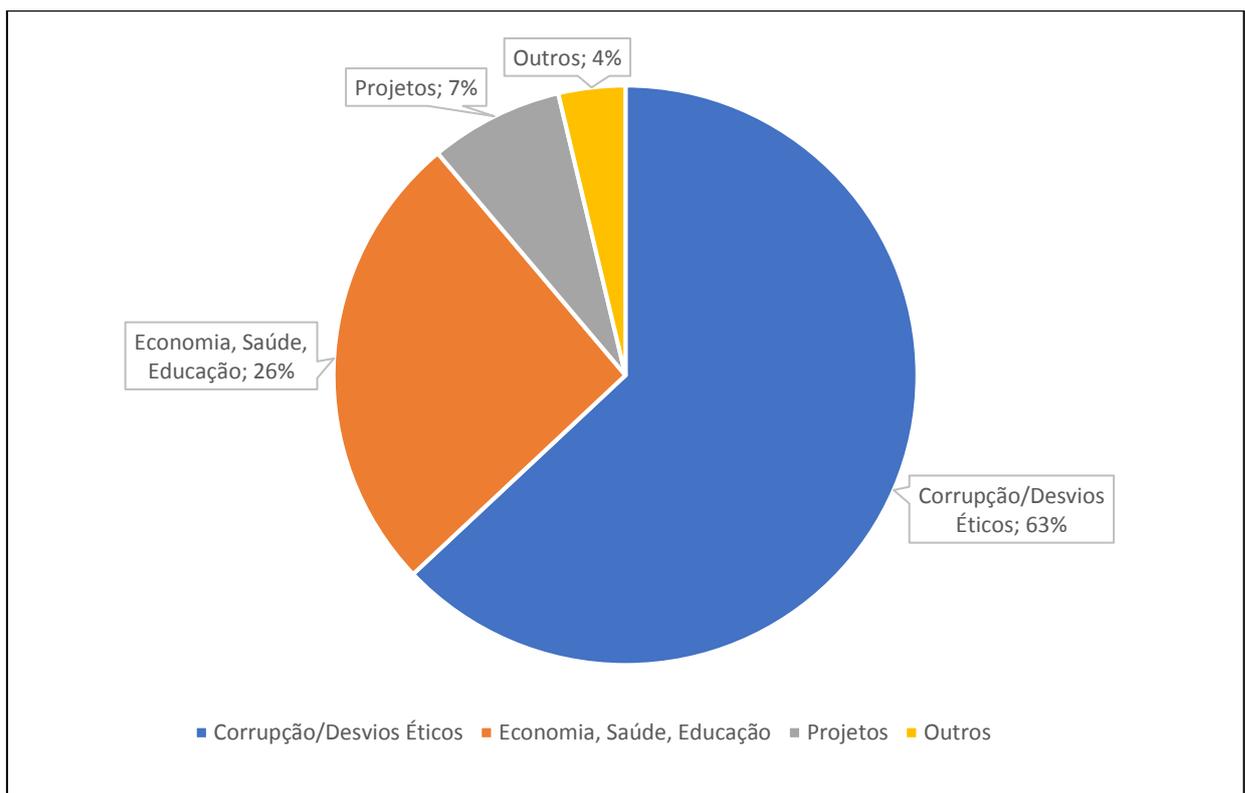
Além disso, para Bardin, tão importante quanto conteúdo das respostas é a forma como elas são dadas. Este ponto é de suma importância quando o material a ser estudado é uma entrevista televisiva, pois além das respostas em si, existe toda uma variedade de reações inerentes à logística de uma entrevista para a tv onde, além dos intervenientes, há um terceiro integrante que é o próprio público formado pelos telespectadores que acompanham ao vivo. Em termos práticos, Denize Cristina de Oliveira, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, defende em seu artigo *“Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma proposta de sistematização”* que a análise de conteúdo libera o acesso a diversos conteúdos além dos já explícitos.

Sejam eles expressos na axiologia subjacente ao texto analisado; implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre

determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana, seja ela verbal ou escrita, entre outros. (OLIVEIRA, 2008, p. 570)

Seguindo este pensamento, na fase de pré-análise, as entrevistas feitas para o *Jornal Nacional* foram assistidas sob a luz dos conceitos trabalhados e posteriormente decupadas para facilitar o manejo dos dados. Após a leitura atenta, o tema principal de todas as perguntas feitas foi catalogado e, assim, identificados quatro grandes eixos pelos quais os jornalistas seguem com suas questões. São eles: Corrupção, Saúde, Economia, Educação e Propostas. Como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1: Temas das perguntas



Fonte: elaboração própria.

A categoria “Corrupção/Desvios Éticos” agrupará todas as perguntas e interações que buscavam questionar a idoneidade dos candidatos. Seja por atos cometidos no passado ou por posicionamentos frente a escândalos anunciados na

mídia. Por sua vez, a categoria “Economia, Saúde e Educação”, inclui as perguntas referentes a temas latentes na sociedade brasileira. Dentre todos os temas, estes três foram os que mais se sobressaíram durante as entrevistas. Há também o espaço dedicado para as interações que permitem o candidato expor seus projetos e ações futuras para o país, é a categoria “Projetos”. Dentro de “Outros” foram colocadas interações consideradas neutras ou que seguiram como continuação de um assunto já catalogado.

Criadas as categorias, o material foi catalogado e interpretado. Esta primeira etapa teve o enfoque em uma das vertentes do conflito que é o campo jornalístico. A dinâmica das interações como perguntas, interrupções e discussões foram observadas e relacionadas com o rol de categorias anteriormente definidas.

Já na segunda fase, foram analisadas as reações dos agentes pertencentes ao campo político frente ao rumo que as entrevistas seguem e a postura de seus interlocutores. É uma etapa que aprofunda a análise sobre um momento crucial no conflito entre os campos e que se relaciona diretamente com a construção do capital simbólico da legitimidade perante a opinião pública.

Segundo Lage, “Dependendo da habilidade retórica do entrevistado e da competência acusatória do repórter, a entrevista pode transformar-se em um espetáculo de constrangimento ou, pelo contrário, em uma peça de redenção” (2011, p. 76). Na prática, o objetivo será mapear as estratégias retóricas de cada candidato após serem confrontados pelos jornalistas acerca dos temas previamente catalogados.

3. ANÁLISE

3.1 Cenário Político

12 de junho, Arena Corinthians. O ano era 2014. Alguns meses depois, aconteceriam as eleições. Telespectadores assistem a presidente da república ser vaiada durante a abertura da copa do mundo. O assunto repercutiu nas mídias sociais, na imprensa nacional e internacional. Não foi uma novidade, visto que o mesmo aconteceu durante os jogos na Copa das Confederações no ano anterior. Entretanto, o fato ambienta o cenário conturbado em que o Brasil se encontrava e alertava sobre o que viria adiante, principalmente no que tange a política.

Àquela época, os candidatos que disputariam as eleições presidenciais já estavam definidos: Aécio Neves (PSDB), Luciana Genro (PSOL), Eduardo Jorge (PV), Pastor Everaldo (PSC), Eymael (PSDC) , Levy Fidelix (PRTB), José Maria (PSTU), Rui Costa (PCO), Mauro Iasi (PCB) e Eduardo Campos (PSB). Além de Dilma Rousseff (PT) que almejava a reeleição.

A presidente na época, Dilma Rousseff enfrentava difíceis variáveis enquanto chefe do poder executivo do país. A primeira delas era a sua baixa popularidade. Uma pesquisa Instituto MDA, em abril de 2014, mostrava a rejeição de 31% dos brasileiros. Outro problema era o desgaste do Partido dos Trabalhadores, após quase 12 anos no governo. Fator intensificado pela cobertura negativa feita pelos grupos de mídia. Além disso, era um momento delicado para a economia onde para quase 80% dos brasileiros (CNT/MDA) tinham a impressão de que os preços estavam aumentando cada vez mais, principalmente os alimentos.

Em agosto, após desfrutar de alguma tranquilidade, um desastre abala novamente o cenário político do Brasil. A aeronave que carregava o candidato Eduardo Campos caiu em um trágico acidente matando os sete ocupantes do avião. Eduardo Campos era o terceiro colocado em intenções de voto à presidência da república atrás de Aécio Neves e Dilma Rousseff. O PSB, partido ao qual Campos pertencia oficializou Marina Silva como sua nova candidata.

Antes da tragédia, as pesquisas de intenção de voto encontravam-se polarizadas entre Dilma Rousseff e Aécio Neves. Entretanto, as repercussões da morte do candidato do PSB acabaram por colocar sua vice, Marina Silva, como

segunda colocada. Neste momento, a disputa pela Presidência seguia uma nova e confusa direção que refletiu, inclusive, na cobertura jornalística do país.

Como dito anteriormente, a análise a seguir se concentrará nos principais temas abordados pelo *Jornal Nacional* ao entrevistar os candidatos à Presidência da República. As perguntas se concentraram principalmente nos temas relacionados à corrupção seguidas de assuntos latentes na sociedade brasileira como Economia, Saúde e Educação. O caráter de confronto e a sensação de descontentamento presentes no cenário político à época refletiram no teor destas entrevistas e isso é percebido logo na abertura de cada uma delas.

3.2 Abertura

A abertura da entrevista é um dos momentos onde o campo jornalístico mais se afirma perante a opinião pública. Com o âncora¹ em plano médio, nenhum dos candidatos entrevistados aparece e o trato é direto com os telespectadores. No dia 11 de agosto de 2014, Aécio Neves foi o primeiro a ser entrevistado para esta série do *Jornal Nacional*. Além de saudar a audiência, a declaração inicial de William Bonner serviu para anunciar que a principal tarefa das entrevistas seria a de confrontar os candidatos com o seu desempenho em cargo público e abordar temas polêmicos que tangenciam as candidaturas.

¹ Âncora: Trata-se do jornalista que apresenta um telejornal em posição titular, eventualmente emitindo opinião.

Figura 1: Framing da abertura da entrevista com Aécio Neves



Figura 1: William Bonner durante a abertura das entrevistas. Fonte: Globoplay

O discurso inicial foi o mesmo em todas as entrevistas, com a exceção da entrevista de Dilma Rousseff:

Tabela 1: Abertura entrevistas

Aécio	WB: O Jornal Nacional abre hoje a série de entrevistas com os principais candidatos à presidência da república. Nós vamos abordar aqui os temas polêmicos das candidaturas e também confrontar os candidatos com o seu desempenho em cargos públicos.
Marina	WB: O Jornal dá sequência à série de entrevistas com os principais candidatos à presidência da república em que nós abordamos questões polêmicas das candidaturas e o desempenho deles em cargos públicos.
Dilma	WB: Olá, nos falamos ao vivo de Brasília e o Jornal Nacional está retomando hoje a série de entrevistas com os principais candidatos à presidência da república. [...] nós vamos fazer hoje o que temos feito sempre , vamos abordar os temas polêmicos das candidaturas e vamos confrontar a candidata com ações, com o desempenho dela a frente de um cargo público, como temos feito com todos os candidatos .

As diferenças nos discursos iniciais são mínimas. Entretanto, ao utilizar termos como os destacados no quadro acima, o campo jornalístico reforça importantes valores de seu campo que são os princípios da imparcialidade e neutralidade. A mensagem que William Bonner quer passar é que apesar de entrevistar a chefe do poder Executivo, o tratamento e os critérios da entrevista serão os mesmos adotados a todos os outros candidatos.

Neste momento é possível observar as ideias de Bourdieu no que diz respeito à autonomia relativa dos campos e a fluidez de um mesmo capital em diferentes campos. Ele afirma que apesar de possuírem regras próprias e funcionarem de maneira específica, um campo pode influenciar as relações dentro de outro. Ou seja, nesta situação específica, o jornalista é capaz de colocar um agente que ocupa a mais alta posição do campo político na mesma categoria de alguém que possui menor capital simbólico.

Foi o caso do Pastor Everaldo, que também concorreu às eleições pelo PSC e participou da mesma série de entrevistas para o *Jornal Nacional*, mas nunca exerceu nenhum cargo político na esfera legislativa ou executiva. Assim, aos olhos do telespectador, todos os participantes, independentemente de suas trajetórias políticas, são colocados na posição de “candidatos”. E este é o vocativo utilizado pelos jornalistas durante o desenrolar de todas as entrevistas ao se referir aos entrevistados.

Além disso, a natureza conflituosa da relação é outro fator evidenciado logo no início. Isso fica nítido devido aos termos “confronto” e “polêmicas”, que também aparecem em todas as entrevistas analisadas. O que reforça a tese de Cobertura Adversária, trabalhada por Guazina.

Assim, os valores da política expressos nos enquadramentos do *Jornal Nacional* são resultantes dos valores daquela comunidade interpretativa específica sobre seu próprio papel, inclusive moral, como jornalistas. [...] Entendemos que a cobertura adversária foi o momento de busca da credibilidade e de garantir um lugar de “autoridade” e de “legitimidade” ao telejornalismo da Globo. A busca da credibilidade foi equacionada como fiscalização e contraposição ao governo e aos políticos, isto é, pela oposição do jornalismo versus a política. (GUAZINA, 2011, p. 20)

Ditas as regras do jogo, as perguntas iniciam e a partir do enunciado da primeira questão o tempo começa a ser marcado. Como mostrado acima, o tema corrupção foi o mais abordado pelo jornalista. Mais da metade das perguntas feitas a todos os candidatos tratou especificamente sobre corrupção ou algum desvio ético do candidato ou membros de seus partidos. O mesmo acontece quando são observadas as entrevistas de forma individual, sem exceção. A maior parte dos 15 minutos são dedicados à questões referentes ao tema.

3.3 Corrupção

Em todas as entrevistas, houve o predomínio de perguntas relacionadas diretamente à corrupção ou a algum desvio moral do candidato e membros de seus partidos. Em seu artigo “A crise da comunicação política - Os *media*, o jornalismo e a assessoria de imprensa como responsáveis pelo divórcio entre cidadãos e política”, o pesquisador português Vasco Ribeiro demonstra uma série de argumentos utilizados por outros autores para tentar explicar esta recorrente busca por enfoques negativos quando o assunto é política. Em seu texto, as ideias de Patterson (1997) são utilizadas para mostrar que é inerente ao ato de “contar histórias” a busca pelo invulgar, novo e sensacional. E este é, justamente, um dos papéis do jornalista.

Voltando às entrevistas do *Jornal Nacional* com os presidentiáveis, com exceção de Aécio Neves, todas elas se iniciam com uma pergunta sobre corrupção. Este fato é importante pois estrutura todo o restante do diálogo sendo válido analisar as premissas inerentes a cada questão, assim como se desenvolve a relação entre os campos a partir deste primeiro contato.

A pergunta feita a Dilma Rousseff, que pode ser observada no quadro 2, se refere diretamente aos atos praticados durante seu governo. A estratégia do jornalista é recapitular uma série de casos relacionados à corrupção afim de endossar seu ponto de vista. Discursivamente, é nítida a repetição de expressões como “escândalos” e “corrupção”. Não há um período sequer, em toda a transcrição da pergunta, em que os termos não apareçam.

Quadro 2: Primeira pergunta Dilma Rousseff

William Bonner: Candidata, no seu governo houve uma série de **escândalos de corrupção** e de desvios éticos. Houve **escândalo de corrupção** no Ministério da Agricultura, houve **escândalo de corrupção** no Ministério das Cidades, no Ministério dos Esportes, houve **escândalo de corrupção** no Ministério da Saúde, no Ministério dos Transportes, houve **escândalo de corrupção** no Ministério do Turismo, no Ministério do Trabalho. A Petrobras acabou se tornando objeto de duas CPIs no Congresso. A senhora sempre diz que todos esses **escândalos** foram revelados pela Polícia Federal e estão sendo investigados pela Polícia Federal, que é um órgão do governo federal. A questão que eu lhe faço é a seguinte: qual é a dificuldade de, desde o início, se cercar de pessoas honestas, que lhe permitam formar uma equipe de governo honesta e que evite esta situação que nós vimos de repetidos casos de **corrupção**? Não há uma sensação, não pode haver uma sensação no ar de que o PT **descuida da questão ética** ou da **questão da corrupção**?

A premissa é clara: Dilma, se não desonesta, cercou-se de pessoas que o são. Ou seja, na construção de sua pergunta, o próprio jornalista elenca todas as possibilidades de resposta de modo que confirmem o *ethos* negativo ao campo político. Por mais de dois minutos, tempo consideravelmente grande observando a duração total da entrevista, William Bonner procura incorporar à imagem da candidata a responsabilidade por todos os escândalos descobertos. Entretanto, não há distinção, por exemplo, entre processos arquivados e aqueles que seguiram o curso penal. Neste momento, os princípios da imparcialidade e neutralidade, reforçados na abertura do quadro, são desrespeitados.

A entrevistada Dilma Rousseff, ao responder a questão, tenta refazer a imagem negativa, desconstruir as prerrogativas elencadas pelos jornalistas e ressaltar pontos positivos sobre o assunto proposto. Dilma afirma que o seu governo foi o que “mais estruturou os mecanismos de combate à corrupção, à irregularidade e maus feitos”. A estratégia do campo político neste momento não é a de negar ou refutar completamente o que foi imposto, mas sim, orientar a percepção do público para outro viés. Desta forma, a entrevistada tenta demonstrar que os termos corrupção e escândalos são distintos. E no caso do escândalo, este só existe quando as irregularidades são identificadas e levadas ao conhecimento público.

Entretanto, o campo jornalístico também possui suas estratégias e ao encarar a resposta da candidata, o jornalista adota uma postura retórica de distorcer completamente o que foi dito pela entrevistada, como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 3: Estratégia do Campo Jornalístico

William Bonner: [...] A senhora listou aqui uma série de **medidas que foram providenciadas depois** de ocorridos os escândalos.

Dilma Rousseff: Não. **Isso tudo foi antes.**

William Bonner: Bom, entre as medidas que a senhora providenciou **depois dos escândalos** esteve o afastamento de alguns ministros [...] A senhora considera que foi uma atitude prudente, como presidente, substituir nessas circunstâncias? Foi uma medida eficaz da sua parte, candidata?

William Bonner começa seu questionamento afirmando que as medidas de combate à corrupção foram instauradas pelo governo após os escândalos. Dilma o interrompe e ressalta que, na verdade, tais atitudes foram tomadas antes. Feito isso, William Bonner segue com sua pergunta ignorando completamente a errata feita pela candidata. Ou seja, neste momento, a pergunta do jornalista tem mais capital simbólico do que a resposta da entrevistada.

Desta maneira, retoma-se a reflexão feita por Berger (2003, p. 309) sobre a capacidade que o jornalismo tem de fazer crer e à crítica de Pierre Bourdieu ao campo jornalístico em seu texto *Sobre a Televisão*. Segundo o autor, o campo jornalístico estaria, aos poucos, colonizando o campo político.

Ainda que os agentes comprometidos com o campo jornalístico e com o campo político estejam em uma relação de concorrência e de luta permanentes e que o campo jornalístico esteja, de certa maneira, englobado no campo político, em cujo interior exerce efeitos muito poderosos, esses dois campos têm em comum estarem muito direta e muito estreitamente situados sob a influência da sanção do mercado e do plebiscito. Daí decorre que a influência do campo jornalístico reforça as tendências dos agentes comprometidos com o campo político a submeter-se à pressão das expectativas e das exigências da maioria, por vezes passionais e irrefletidas, e frequentemente constituídas como reivindicações mobilizadoras pela expressão que recebem na imprensa. (BOURDIEU, 1997, p. 114)

Passadas cinco respostas da candidata sobre o tema corrupção, três interrupções feitas pelo jornalista durante sua fala e após quase sete minutos de entrevista, o agente do campo jornalístico ainda insiste em sua primeira tese de conivência com a corrupção, como pode ser observado no quadro 4.

Quadro 4: Conivência com a corrupção

William Bonner: Então, me deixa agora perguntar à senhora. E em relação a seu partido? O seu partido teve um grupo de elite de pessoas **corruptas**, comprovadamente **corruptas**, eu digo isso porque foram julgadas, condenadas e mandadas para a prisão pela mais alta corte do Judiciário brasileiro. Eram **corruptos**. E o seu partido tratou esses condenados por **corrupção** como guerreiros, como vítimas, como pessoas que não mereciam esse tratamento, vítimas de injustiça. A pergunta que eu lhe faço: isso não é ser condescendente com a **corrupção**, candidata?

A manobra retórica é a mesma. A de atribuir uma responsabilidade, personificada na figura da entrevistada. No caso acima, o telespectador e a entrevistada se deparam com uma visão simplista que ignora todas as nuances inerentes aos processos, como por exemplo, a ampla fragmentação do sistema partidário no Brasil. Isso faz parecer que os corruptos, o Partido dos Trabalhadores e Dilma Rousseff são um corpo só.

Figura 2: Tensão na interação



Figura 2: Patrícia Poeta interrompe Dilma durante sua resposta. Fonte: Globoplay

Neste momento, a estratégia adotada pela candidata é de não responder as questões. Segundo ela, não é papel do presidente da república comentar as decisões do Supremo Tribunal Federal. E ao ser pressionada para emitir uma opinião sobre os posicionamentos do partido, endossa sua posição: “Eu não vou tomar nenhuma posição que me coloque em confronto, conflito, ou aceitando ou não. Eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira. Isso não é uma questão subjetiva”. Finalizado o assunto, foram dedicados 7 minutos e 13 segundos ao tema corrupção. O que representa 44% do tempo total, de 17 minutos e 22 segundos, onde também foram abordados os temas de saúde, educação e propostas.

Percebe-se o grau de enfrentamento entre os campos ao observar, na figura 2, o momento em que a jornalista levanta seu dedo indicador para chamar a atenção da entrevistada e interrompê-la. Novamente, a entrevista toma forma de interrogatório e todo o capital simbólico do campo político é relativizado no momento

em que o seu agente mais poderoso é desafiado frente à milhares de telespectadores.

A mesma estratégia de entrevista foi utilizada na entrevista com a Candidata Marina Silva. A primeira pergunta feita a ela refere-se ao uso de um avião, fruto de uma operação ilegal com laranjas. O jornalista questiona a idoneidade ética da candidata por ela ter feito uso de tal equipamento. Além disso, contrasta tal atitude com a postura adotada por Marina durante a campanha que defendia uma “nova política”.

Quadro 5: Velha política

William Bonner: Candidata, o avião que o PSB vinha utilizando na campanha eleitoral, até aquele acidente trágico de duas semanas atrás, está sendo investigado pelas autoridades competentes. Ele foi objeto de uma transação milionária feita por meio de laranjas. Essa transação não foi informada na prestação de contas prévia, parcial, à Justiça Eleitoral. A senhora tem dito que vai inaugurar uma nova forma de fazer política, que todo político tem que ter certeza absoluta da correção de seus atos. No entanto, a senhora usou aquele avião como teria feito qualquer representante daquilo que a senhora chama de velha política. Eu lhe pergunto: a senhora procurou saber que avião era aquele, quem tinha pago por aquele avião, ou a senhora confiou cegamente nos seus aliados?

A intenção de William Bonner, como representante do campo jornalístico, é a de confrontar Marina Silva com uma possível contradição. Os cenários apontados pelo jornalista são: ou a entrevistada é contraditória ao defender uma postura e agir de forma contrária ou trata-se de uma pessoa extremamente ingênua ao “confiar cegamente” em seus aliados. Ambas representações negativas perante a opinião pública. Além disso, há uma distinção entre velha e nova política, que será utilizada pelo jornalista durante toda a entrevista para tentar confirmar seus entendimentos.

Apesar das expressões, segundo Bonner, serem utilizadas pela própria Marina em seus discursos, ao enquadrar desta maneira a sua pergunta, o jornalista reforça os estereótipos já cristalizados no cenário político brasileiro onde quem ocupa um cargo político compulsoriamente carrega o título de desonesto. Trata-se de mais uma visão rasa, maniqueísta e até estereotipada.

Em sua resposta, Marina adota a estratégia de aceitar parcialmente a premissa do jornalista no que diz respeito às denúncias do avião mas afasta a responsabilidade ao explicar que o equipamento era fruto de um empréstimo e que não possuía conhecimento da ilegalidade referente à postura dos proprietários do avião. Além disso, após ser pressionada pelo jornalista sobre qualquer participação

ou conivência nas transações ilegais, a entrevistada reforça sua ideia anterior e defende a investigação e consequente punição dos responsáveis.

A partir deste ponto, percebe-se novamente a tentativa do campo jornalístico diminuir o capital simbólico da resposta dada pela entrevistada. A intenção é reafirmar a tese inicial, independente dos argumentos utilizados pela candidata. William Bonner caracteriza a resposta dada por Marina Silva como um grande clichê do universo político brasileiro, como mostra o quadro 6.

Quadro 6: William Bonner afirma que Marina oferece mais do mesmo

William Bonner: Candidata, quando os políticos são confrontados ou cobrados por alguma irregularidade, é muito comum que eles digam que não sabem, que foram enganados, que foram traídos, que tudo tem que ser investigado, que se houver culpados, eles sejam punidos. Este é um discurso muito, muito comum aqui no Brasil. E é o discurso que a senhora está usando neste momento. Eu lhe pergunto: em que esse seu comportamento difere do comportamento que a senhora combate tanto da tal velha política?

Além disso, retoma-se o conceito de “velha política” da primeira pergunta e, novamente, o jornalista procura inserir a entrevistada neste maculado círculo de pessoas. Neste sentido, o jornalista tanto anseia por uma validação de seu posicionamento que após 5 minutos de debate sobre o assunto, um terço do tempo total da entrevista, William Bonner lança uma pergunta que não é nada mais do que uma paráfrase da que foi feita no início da entrevista. Um ciclo vicioso se forma.

Tabela 2: Comparativo entre as perguntas

Primeira pergunta	Pergunta realizada após 5 minutos de debate sobre o tema
“A senhora tem dito que vai inaugurar uma nova forma de fazer política, que todo político tem que ter certeza absoluta da correção de seus atos”.	“Agora, é que a senhora tem uma postura bem rigorosa no que diz respeito à ética, no discurso, quando a senhora se dirige aos seus adversários [...]”
“No entanto, a senhora usou aquele avião como teria feito qualquer representante daquilo que a senhora chama de velha política”.	“Esse rigor ético que a senhora exige dos seus adversários nos faz perguntar e insistir se a senhora antes de voar naquele avião não teria então deixado de fazer a pergunta obrigatória se estava tudo em ordem em relação àquele voo”.
Eu lhe pergunto: a senhora procurou saber que avião era aquele, quem tinha pago por	Não lhe faltou o rigor que a senhora exige

aquele avião, ou a senhora confiou cegamente nos seus aliados?	dos seus adversários?
--	-----------------------

Para responder tais questões, Marina Silva como representante do campo político, faz um discurso visando, também, deslegitimar as afirmações feitas por William Bonner. Em determinado momento, a candidata tenta mostrar ao público que, apesar de se relacionar com outros campos, o campo jornalístico é limitado. “A verdade, ela não virá nem apenas pelas mãos do partido e nem, também, apenas pela investigação da imprensa. Que eu respeito o trabalho de vocês. Ela terá que ser aferida pela investigação que está sendo feita pela Polícia Federal”, afirma a candidata.

Desta forma, passados 6 minutos e 30 segundos, terminam os questionamentos sobre o avião do partido. Entretanto, após algumas outras questões feitas por Patricia Poeta, o tema “velha política” novamente vem à tona quando a entrevistada é confrontada com perguntas a respeito de sua postura ética perante a formação de sua chapa, dita contraditória, com Beto Albuquerque.

Quadro 7: Pergunta sobre chapa contraditória

William Bonner: Queria falar sobre a sua chapa. O vice na sua chapa: Beto Albuquerque. Ele foi um dos principais articuladores no Congresso Nacional da aprovação da medida provisória que aprovou o cultivo da soja transgênica aqui no Brasil. Ele também foi favorável a pesquisas com células-tronco embrionárias, são dois pontos em que eles se opõem a posições suas do passado. Além disso, ele aceitou doações de campanha - quando candidato - de setores da economia que a senhora não admitiria, setor de fabricantes de armas, fabricantes de bebidas. Esses exemplos não mostram que Marina e Beto Albuquerque são a união de opostos, aquela união de opostos tão comum na velha política, apenas para viabilizar uma chapa, para viabilizar uma eleição. O que há de novo nessa política, candidata?
--

Após defender argumentos relacionados à capacidade de se trabalhar na diversidade e na divergência, em um ciclo de perguntas parecido com o que lhe foi apresentado anteriormente no caso do avião, Marina Silva adota uma estratégia retórica interessante:

Não está claro pra você, mas eu vou deixar claro para o telespectador [...] A vida não tem essa simplificação que muitas vezes a gente acha. Isso não tem nada a ver com velha política. Eu marquei a minha trajetória de vida trabalhando com os diferentes, na diversidade. E aí você está dando a oportunidade de que os telespectadores possam ver que essa história de que a Marina é intransigente [...] que só

conversa com aqueles que pensam igual a ela, não é tão verdade assim (SILVA, 2014).

Ela abandona com diálogo com o campo jornalístico e decide falar diretamente com o quarto integrante daquela entrevista: o telespectador. Isso acontece após Bonner afirmar que, apesar das respostas dadas, ainda não ficou clara a diferença entre a postura da candidata e o comportamento típico dos membros da “velha política”.

Como visto, a primeira pergunta feita a Marina Silva pautou todo o restante da entrevista. Por fim, foram abordados apenas temas relacionados à biografia da candidata e a sua postura perante atos de corrupção. Não houve, além do tempo reservado para fala livre do candidato, espaço para se debater sobre as propostas, programas de governo e outros temas latentes como economia ou educação.

A última entrevista a ser analisada na categoria corrupção é a de Aécio Neves. Como dito anteriormente, ele foi o único entrevistado que não teve que responder inicialmente sobre o tema. Entretanto, corrupção e desvios éticos também foram os assuntos mais tocados durante a entrevista. A primeira pergunta que envolve o assunto foi feita pela jornalista Patrícia Poeta e questionou se, de fato, há diferença entre o partido do candidato (PSDB) e o PT no que tange o trato com a corrupção.

Aécio Neves responde a pergunta da jornalista, sem ser interrompido, destacando que nos casos de corrupção no PT houve uma “condenação pela mais alta corte brasileira. Fato que, segundo ele, não aconteceu com o seu partido. Além disso, o candidato ainda utiliza o seu tempo de resposta para atacar o partido de sua rival ao dizer que, “no caso do PSDB, se eventualmente alguém for condenado, não será, como foi no PT, tratado como herói nacional. Porque isso deseduca”.

Após a resposta, a jornalista o confronta com o exemplo de Eduardo Azeredo. Trata-se de um dos apoiadores da campanha eleitoral de Aécio e que foi acusado no escândalo do mensalão mineiro. Entretanto, ele não foi julgado há época da entrevista, pois teria renunciado. Assim como nas entrevistas de Dilma e Marina, esta pergunta tende a reforçar a tese inicial, de que PSDB e PT são idênticos no que tange a corrupção. O que contrasta com as outras entrevistas é, porém, a insistência nesta estratégia.

Dilma teve que responder cinco perguntas sobre a temática de convivência com a corrupção no partido, por mais de sete minutos. Marina utilizou seis minutos e meio de sua entrevista em quatro questões relacionadas ao avião alugado pelo partido. E Aécio, sobre a relação do PSDB e PT com a corrupção, respondeu apenas duas perguntas totalizando dois minutos e vinte segundos dentro deste tema. Em comparação com as outras candidatas, pode-se dizer que, neste aspecto, Aécio Neves foi beneficiado pela estrutura de perguntas elaborada pelo *Jornal Nacional*. Isso permitiu ao candidato dedicar mais tempo a outros assuntos e explorar melhor as perguntas afim de elencar suas propostas e atacar, por meio de críticas, seus adversários

No caso do entrevistado Aécio Neves, o maior confronto perante o tema corrupção e desvios éticos, se dá quando o mesmo é questionado sobre o aeroporto construído próximo às terras de sua família. William Bonner pergunta se o candidato considera republicano construir um aeroporto que poderia ser visto como um benefício para a própria família.

Quadro 8: Pergunta sobre aeroporto

William Bonner: Candidato, quando o senhor era governador do estado de Minas Gerais, o senhor construiu um aeroporto no município de Cláudio, a sua família tem uma fazenda a seis quilômetros desse aeroporto e a pista foi construída ao lado de terras do seu tio-avô. O senhor já disse diversas vezes que não houve nenhuma irregularidade nisso, que as terras eram públicas, porque já tinham sido desapropriadas, inclusive a sua família discorda do valor arbitrado para essa desapropriação, contesta esse valor, considera injusto, está na Justiça. O senhor disse também que o aeroporto foi criado pelo senhor para beneficiar a economia da região. E desde que esse assunto surgiu, o único erro que o senhor admite ter cometido, eu vou ler as suas palavras, o senhor disse que 'viu aquela obra com os olhos da comunidade local e não da forma como a sociedade a veria à distância'. Eu pergunto: mesmo aos olhos da comunidade local, candidato, o senhor considera republicano construir um aeroporto que poderia ser visto como um benefício para a sua família, no mínimo, por valorizar as terras dela?

Nesta pergunta, o jornalista traz uma série de fatos e os argumentos já utilizados pelo entrevistado quando confrontado por eles. Nesta pré-pergunta, por não haver qualquer reforço semântico negativo, a estratégia do político é a de repetir todos os argumentos já elencados pelo jornalista. Mas um fato interessante é, também, a existência de uma pré-resposta, como pode ser visto no quadro a seguir:

Quadro 9: Resposta sobre aeroporto

Aécio Neves: Bonner, eu tenho que agradecer muito a oportunidade que você me dá de tocar nesse tema. Esperava ter essa oportunidade para fazê-lo. O meu governo foi um governo republicano, foi um governo absolutamente transparente. Eu transformei Minas Gerais num estado, Bonner, que tem a melhor educação do Brasil no ensino fundamental, a melhor saúde de toda a Região Sudeste. Nós ligamos num planejamento, aliás, algo em falta hoje no plano federal, todas as cidades mineiras que não tinham asfalto, 225 cidades foram ligadas por asfalto no meu governo. Quatrocentos e cinquenta cidades não tinham telefonia celular, eu fiz a primeira PPP do Brasil e liguei essas cidades ao desenvolvimento através da telefonia celular e fiz um programa chamado ProAero que ligou 29 cidades de um total de 92 aeroportos que existem espalhados por Minas, você sabe que Minas é o estado que tem o maior número de municípios, somos 853, como instrumento do desenvolvimento regional, e, veja bem, nesse caso, especificamente, se houve algum prejudicado foi esse meu tio-avô, porque o estado avaliou aquela área em R\$ 1 milhão, ele reivindica na Justiça R\$ 9 milhões, não recebeu R\$ 1 até hoje. Foi feito assim de forma transparente, absolutamente republicana, e a população daquela localidade sabe a importância desse aeródromo, uma pista asfaltada.

Ao responder a pergunta do jornalista, Aécio Neves aproveita o tempo concedido para, antes de chegar ao assunto em questão, ressaltar os pontos positivos de seu governo enquanto governador de Minas Gerais. A mesma estratégia foi utilizada por Dilma Rousseff ao responder sobre os escândalos de corrupção, entretanto sua resposta foi interrompida duas vezes pelo jornalista. O que não foi observado na fala de Aécio Neves.

Por fim, a tentativa do campo jornalístico de manter o predomínio do capital simbólico perante a opinião pública também acontece, como em todas as outras entrevistas analisadas.

Tabela 3: Ciclo aeroporto

William Bonner: Mesmo aos olhos da comunidade local, candidato, o senhor considera republicano construir um aeroporto que poderia ser visto como um benefício para a sua família, no mínimo, por valorizar as terras dela?	William Bonner: Para fechar essa questão: o que vale mais, uma fazenda com um aeroporto ao lado ou uma fazenda sem um aeroporto ao lado?
--	--

Após Aécio responder 4 perguntas sobre o aeroporto em Minas Gerais, o ciclo de perguntas se fecha com uma questão com a mesma problemática da que foi feita na primeira.

3.4 Economia, Saúde e Educação

Durante a semana que antecedeu os debates, o *Jornal Nacional* transmitiu uma série de matérias sobre temas latentes e de interesse da população brasileira. Entretanto, estes assuntos foram poucos explorados durante as entrevistas com os presidenciáveis analisados. Entre as perguntas feitas aos candidatos, apenas 26% delas tratavam destes assuntos. Os mais representativos foram economia, saúde e educação. Mesmo assim, o JN deu preferência a questões atuais e passadas com os entrevistados, oferecendo pouco espaço para que as propostas de cada um fossem demonstradas e debatidas.

Marina Silva, por exemplo, não respondeu nenhuma pergunta sobre tais questões. Nem no tempo reservado para apresentar as propostas. A candidata preferiu dedicar o tempo livre de fala para discorrer e argumentar sobre corrupção e desvios éticos, tema de todas as perguntas feitas a ela. Já a candidata Dilma Rousseff foi confrontada pelos temas saúde e economia. O transcorrer da entrevista demonstra que, naquele momento, o campo jornalístico procurou referendar um raciocínio prévio construído na pergunta e anunciado ao público, algo que se assemelha mais a um interrogatório.

Quadro 10: Pergunta sobre saúde

Patrícia Poeta: Corrupção não é o único problema. O seu governo diz que sempre investiu muito na área de saúde. E essa continua sendo exatamente a maior preocupação dos brasileiros, segundo uma pesquisa do Instituto Datafolha. Isso depois de 12 anos de governos do PT, ou seja, mais de uma década, candidata. Não foi tempo suficiente para colocar esses problemas nos trilhos, não?
--

Com o viés inteiramente negativo, onde “corrupção não é o único problema”, a jornalista questiona a competência dos governantes para resolver as questões referentes à saúde. Mais uma vez, existe a preocupação em vincular umbilicalmente o Partido dos Trabalhadores com a figura da candidata. O campo jornalístico mais uma vez fere os seus princípios de isenção ao ignorar o funcionamento da máquina pública no que tange as responsabilidades da União, Estados e Municípios frente às pastas públicas.

A partir desta pergunta um verdadeiro debate é formado onde a entrevistada encontra dificuldade para terminar o seu raciocínio devido às constantes interrupções. Percebe-se o que Bourdieu defende em *Sobre a televisão* sobre a necessidade dos campos jornalístico e político em impor as suas visões de mundo.

Quadro 11: Debate sobre saúde

Dilma Rousseff: Cinquenta milhões de brasileiros não tinham atendimento médico, hoje têm. Agora nós estamos em uma segunda etapa.

Patrícia Poeta: Deixa eu só fazer um adendo que eu acho que é importante para os nossos telespectadores.

Dilma Rousseff: Perfeitamente, Patrícia.

Patrícia Poeta: A senhora diria que, então, diante dos nossos telespectadores, que hoje enfrentam filas e filas nos hospitais, muitas vezes são atendidos em macas, que muitas vezes não conseguem fazer um exame de diagnóstico, que a situação da Saúde no nosso país hoje é minimamente razoável, depois de 12 anos?

Dilma Rousseff: Não. Não acho, não acho, até porque, Patrícia, o Brasil precisa também de uma reforma federativa, porque há responsabilidades federais, estaduais e municipais [...] Agora veja o resto do raciocínio, Patrícia.

William Bonner: Nós vamos falar de economia.

Dilma Rousseff: Não. Vou falar de economia, tenho o maior prazer, Bonner. [...]

William Bonner: Candidata, desculpe a senhora disse...

Dilma Rousseff: E resolvemos o problema dos 14 milhões, aliás dos 50 milhões de brasileiros e dos 14 mil médicos, hoje nós temos já condição de resolver isso, porque diminuímos a pressão, porque todo mundo que não era atendido num posto de saúde ia para uma UPA ou para um hospital.

William Bonner: Nós entendemos. Entendemos. Vamos à economia.

Patrícia Poeta: É que a colocação, candidata, era 12 anos, 12 anos de governos, três mandatos. Mas o Bonner quer falar sobre economia.

William Bonner: Vamos falar de economia porque é um tema importantíssimo.

Dilma Rousseff: Nestes três mandatos, a gente teve, não vamos esquecer, teve o Samu, que atende 149 milhões de brasileiros, e que não existia.

William Bonner: A senhora já respondeu à Patrícia que não, não é minimamente razoável. A senhora disse isso. Então, vamos em frente.

Durante todo o debate, Patrícia Poeta defende a mesma premissa, apesar das respostas da candidata. A jornalista utiliza a estratégia de tentar constranger a entrevistada perante a opinião pública ao exemplificar a realidade de um telespectador que enfrenta dificuldades para conseguir atendimento médico. Nesta situação, Dilma Rousseff é colocada em cheque pois não está respondendo mais à jornalista, mas sim, a qualquer brasileiro que se encontre na situação ilustrada

anteriormente. Desta forma, o ciclo novamente se fecha. Desta vez de maneira abrupta, onde o jornalista William Bonner tenta interromper por cinco vezes a resposta da entrevistada e utiliza a sua autoridade dentro do campo onde estão inseridos para, definitivamente, calar a entrevistada e seguir para o próximo assunto.

Novamente, a teoria sobre autonomia relativa dos campos se cristaliza. É interessante observar o decorrer deste diálogo, pois ele só é possível dentro da realidade em que é inserido. Em nenhum outro momento, os jornalistas teriam tamanha autonomia para definirem os padrões mínimos de respeitabilidade perante a atual presidente da república, maior autoridade política brasileira.

O caráter combativo da entrevista continua quando o assunto economia é abordado. Após construir uma pergunta elencando os pontos negativos da economia e buscando responsabilizar o atual governo por tal realidade, William Bonner é confrontado tecnicamente pela entrevistada: “Veja bem, Bonner. Eu não sei, eu não sei da onde que estão seus dados”. Ao contestar a veracidade dos dados apresentados pelo jornalista, o campo político ataca diretamente um dos pilares simbólicos do campo jornalístico que, segundo Traquina (2005, p. 48) é a associação com a verdade. A entrevista é interrompida devido ao limite de tempo, já excedido. Inclusive devido às constantes interrupções de fala, a candidata não pode utilizar o tempo de um minuto e meio para defender as suas propostas, assim como Marina Silva.

Por sua vez, Aécio Neves teve que responder primeiramente sobre economia. A sequência de perguntas elaboradas por William Bonner. O jornalista questiona sobre as possíveis medidas referentes ao aumento das taxas tributárias no país, por se tratar de uma medida impopular, o político procura ser evasivo em suas respostas. Entretanto, percebe-se no decorrer do diálogo os artifícios do campo jornalístico para se extrair uma resposta que se adeque ao seu *habitus*. Principalmente no que tange o princípio da objetividade.

Quadro 12: Pergunta sobre economia

Candidato, quando o senhor critica a situação da economia brasileira, o senhor tem dito que, seja quem for o presidente eleito para o ano que vem, vai ter que fazer uma arrumação da casa. O senhor já mencionou choque de gestão, redução de número de ministérios, redução de cargos comissionados. O senhor já falou em combate a desperdícios. Mas economistas que concordam com o seu diagnóstico para a economia brasileira dizem que essas medidas que o senhor tem anunciado não bastam, elas não seriam suficientes para resolver. Que seria necessário que o governo fizesse um corte
--

profundo de gastos. Que seria necessário que o governo também eliminasse a defasagem de tarifas públicas como preço da gasolina e energia elétrica. A questão é a seguinte: o senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem? Ou o senhor está procurando não mencionar essas medidas, porque elas são impopulares?

A resposta do político também não deixa de atacar o governo vigente na época, cerne de sua argumentação. A respeito das medidas, ditas, impopulares o entrevistado se limita a responder: “Vou tomar as medidas necessárias a que o Brasil retome o ritmo de crescimento minimamente aceitável”. Entretanto, a resposta dada não satisfaz o jornalista que o confronta: “Mas o senhor não respondeu a minha pergunta. A minha pergunta é se entre essas necessidades se inclui a redução dos gastos públicos e o fim dessa defasagem das tarifas de energia e gasolina”. Buscando maior objetividade na resposta, Bonner o interpela novamente: “Mas o senhor vai aumentar as tarifas?”. Por fim, o entrevistado cede e afirma que irá realinhar as tarifas mas não estipula metas ou prazo, afirmando ser necessário conhecer mais profundamente a realidade do país.

Percebe-se um discurso mais brando dentro das questões feitas a Aécio Neves quando comparado às outras duas entrevistadas. Ao confrontar o entrevistado sobre o tema saúde, William Bonner traz para o campo jornalístico uma figura de um campo específico para conferir credibilidade às suas afirmações que visam descreditar o político pelas benfeitorias em Minas Gerais.

Quadro 13: Pergunta sobre saúde

O senhor mencionou já duas vezes a saúde em Minas Gerais, o senhor tem dito que é a melhor do Sudeste, a quarta melhor do Brasil. No entanto, os analistas que se debruçaram sobre investimentos públicos na saúde de Minas afirmam que isso foi muito mais resultado de investimentos da União e de municípios do que do estado. O senhor não considera a saúde uma prioridade também de governos estaduais, candidato?

Em seu momento de fala, Aécio Neves utiliza da mesma estratégia e também traz em sua fala diversos especialistas para conferir credibilidade ao que é dito. Segundo o candidato, ao se reunir com renomados especialistas no assunto, a diretora da Universidade de São Paulo se dirigiu a ele: ‘Aécio, você não tem nada o que aprender conosco aqui sobre saúde pública, não. O que vocês fizeram em Minas foi transformador’. O político faz com que não seja mais a sua figura falando

de si, o que poderia soar de maneira arrogante perante aos telespectadores. Mas sim, alguém de notório saber em determinada área.

3.5 Projetos

Entre todas as perguntas feitas diretamente aos entrevistados aqui analisados, nenhuma delas tratava especificamente sobre os projetos para o futuro. As regras da entrevista, porém, conferiam aos entrevistados o tempo de um minuto e meio para fazer livres explicações a respeito de suas propostas.

Devido às constantes interrupções, 20 no total, Dilma Rousseff não conseguiu utilizar o tempo para tal fim. Excedendo o limite imposto pelo programa e forçada a terminar sua fala sem completar o raciocínio. Marina Silva, dedicou seu tempo livre para endossar sua fala a respeito de uma renovação na política. Além disso, assumiu o compromisso de não buscar uma reeleição caso vencesse o pleito. Por fim, a fala final de Aécio Neves trouxe uma estratégia diferente.

O candidato não se limitou a falar com os “telespectadores” ou com o povo brasileiro. Ao prometer um novo ciclo de desenvolvimento para o país, Aécio Neves trouxe personagens reais. A escolha destes personagens também é estratégica, pois todos pertencem ao Nordeste brasileiro, onde as pesquisas mostravam a superioridade de Dilma na preferência popular.

Quadro 14: Projetos Aécio Neves

Aécio Neves: Eu quero governar o Brasil para iniciar um novo ciclo de desenvolvimento no país, um ciclo que concilie ética com eficiência. Sem dúvida alguma os quadros que nós temos à nossa disposição e a coragem que teremos para fazer o que precisa ser feito é que permitirá que, no nosso governo, o Brasil volte a crescer. Mas eu quero melhorar o Brasil é para a dona Brenda, que eu conheci essa semana, lá nas margens do Rio Negro, no Amazonas, que quer um posto de saúde melhor na sua comunidade. Ou para o seu Severino, lá de Mauriti no Ceará, que espera que as obras do São Francisco possam chegar perto da sua casa, ele já acha que só os seus netos é que verão. Eu quero que a Suelen, lá de Campina Grande, que eu conheci no ano passado, continue vendendo na feira como vendia, não vende mais porque a inflação está aí a perturbar a vida de todos. Eu quero fazer um governo para as pessoas, um governo responsável, corajoso, mas que pense naquele que mais precisa da ação do estado. Por isso, eu, neste instante, peço a você que está nos ouvindo, o voto, o seu apoio para transformarmos de verdade o Brasil. Vocês vão se orgulhar muito disso.

Dona Brenda, seu Severino e Suelen. Amazonas, Ceará e Campina Grande. Ao fazer isso, o candidato humaniza seu discurso e traz o campo político para perto do campo social. Sabendo que inúmeros brasileiros se identificam com os personagens elencados, a intenção do entrevistado é demonstrar preocupação e empatia com as pessoas mais simples e suas demandas. Após a fala final de cada candidato o jornalista agradece a participação de cada um e encerra a entrevista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em períodos eleitorais, as entrevistas realizadas com candidatos a cargos públicos possuem um importante peso na decisão final de cada eleitor. Neste momento, o campo jornalístico deixa de ser apenas um mediador entre o campo político e o campo social e passa a atuar na construção das percepções e no processo de distribuição do capital simbólico tão almejado por ambos os campos que é a credibilidade perante a opinião pública.

Entretanto, de uma relação que deveria seguir de maneira simbiótica, onde ambos se beneficiam, é configurado um verdadeiro confronto. Os agentes de cada campo com seus objetivos específicos e com estratégias retóricas próprias buscam impor suas visões de mundo. O conflito, porém, transcorre de maneira desigual. Pois além de se tratar de um programa jornalístico, onde o jornalista faz as perguntas e dita as regras do debate ao “seu rival”, o campo político já carrega consigo um *ethos* negativo perante o campo social no que tange os critérios de confiabilidade.

Ao final desta análise, percebe-se que o *Jornal Nacional* deixa de realizar bem o papel de mediador ao exagerar em sua proposta de abordar temas polêmicos e confrontar os candidatos. A ausência de perguntas de caráter positivo, as diversas interrupções e o grande número de questões negativas endossam uma posição do Jornal de priorizar o confronto.

Por vezes a entrevista confunde-se com um interrogatório. Como mostrado, a maior parte das questões feitas aos entrevistados tratavam sobre desvios éticos ou corrupção. Observou-se que o objetivo em si não era o de buscar o esclarecimento através da argumentação do candidato, mas sim, de encontrar formas para referendar suspeitas elencadas pelos jornalistas.

Gomis (2002, p. 227) faz uma interessante reflexão sobre a necessidade de se distinguir o que é interessante ao público e o que é de interesse público. Segundo o autor, interessante é o que agrada por diversos fatores, enquanto o conhecimento de interesse público é importante e deve ser sabido por todos.

Desta maneira, pode-se considerar que, na série de entrevistas analisada, o campo jornalístico constrói um processo de desinformação. Onde a negação da

política ou a cristalização de um movimento depreciativo do campo político, que já estão presentes na cultura política brasileira, configuram uma forma de aumentar o próprio capital simbólico e se colocar em uma posição de dominância. No papel de representante da opinião pública, faltou ao campo jornalístico, justamente, dar espaço ao que é de interesse público e não de interesse do público. Faltou, segundo Gomis (2002, p. 228), “integrar o importante e o interessante”.

Mais que isso, entretanto, ficou claro que a distinção entre os campos some quando eles se relacionam. Na verdade, o jornalismo se apresenta como um dos mais contundentes elementos do campo político, definindo, muitas vezes, a forma como a audiência perceberá/construirá suas decisões eleitorais.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: UFRGS, 2003
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- _____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. SP : Ed. Perspectiva, 2002.
- _____. **Dossiê Dominação e Contra Poder O Campo Político**. In: Revista Brasileira de Ciência Política. n. 5, p, Brasília, jan.-jul.
- _____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001
- BRUN, Eliamara Fontoura. **O cão de guarda da sociedade**. 2011. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-cao-de-guarda-da-sociedade/>>. Acesso em: 15 abr. 2017
- FERREIRA, Giovandro Marcus. **Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico**. Pauta Geral: revista de jornalismo. Salvador: Calandra, ano 9, n. 4, 2002.
- GOMIS, Lorenzo. **Do importante ao interessante: ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo**. Pauta Geral – Revista de Jornalismo, Salvador, ano 9, n. 4, 2002.
- GUAZINA, Liziane. **Jornalismo em busca de credibilidade: a cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão**. 256f. Tese (Doutorado). Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2011
- HERMANO, R. T. C. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. RAP. Rio de Janeiro. 2006.
- LAGE, Nilson. **A reportagem : teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011
- OLIVEIRA, Denize Cristina. **Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização**. Rev. enferm, Rio de Janeiro, v. 16, n. 02, p. 569-576, out. 2008. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2017.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004;
- THOMPSON, John. **O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002